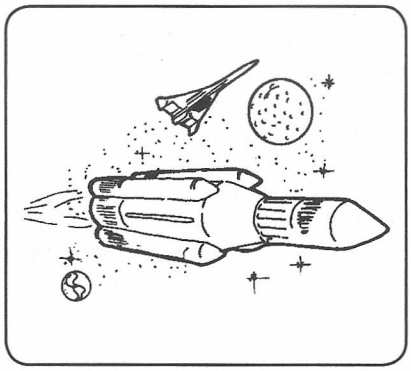
30.
CIÊNCIA E RELIGIÃO



1. APRESENTAÇÃO

Nesta nova série de aulas teremos a feliz oportunidade de estudar um pouco de ciência espírita e, com isso, fortalecer a nossa fé, tornando-a cada vez mais racional e, ao mesmo tempo, descortinando novos e maravilhosos campos de aprendizado dentro dos princípios básicos da doutrina codificada pelo Professor Lionês em 1857.

A presente aula, conquanto possa, para muitos, parecer extemporânea, presta-se a trazer esclarecimentos preciosos a respeito da caracterização do Espiritismo como ciência e como religião.

Sabemos, já das aulas anteriores, que a doutrina espírita representa, na fase atual, a derradeira esperança de redenção do homem que, há milênios, vem trilhando os caminhos sombrios do mal.

A Terra se encontra em preparação para cumprir o seu destino glorioso, prestes a se transformar em mundo regenerado, onde será implantado o **Reino do Evangelho** reservado àqueles que "guardaram os seus mandamentos". Os dias estão contados e faz-se mister desenvolver, em poucas décadas, um plano de redenção que deveria ter sido levado a efeito em dois mil anos!

É o momento histórico que estamos vivendo, onde somos conclamados pelo Alto, em sucessivos chamamentos, para descermos das tribunas, das cátedras e dos púlpitos e confirmarmos as palavras com testemunhos vivos. Uma época gloriosa onde o Plano Espiritual, manifestando-se com toda a sua pujança, deposita nos espíritas as derradeiras esperanças, pois somente aqueles que foram tocados pela suave luz do Consolador, terão em si as condições básicas para compreender a seriedade dessa passagem do século, e poderão reunir esforços para socorrer a humanidade quando "o sol escurecer e as estrelas caírem dos céus".

Não obstante o exposto, há inúmeros confrades que insistem em rotular o espiritismo como ciência e se sentem, portanto, desobrigados dos sagrados compromissos com a reforma moral, a qual encaram com desdém e desperdiçam horas preciosas entretidos em fotografar auras ou gravar vozes de Espíritos, enquanto expressivos contingentes de sofredores batem às portas dos seus "laboratórios" implorando uma réstia de luz, a bênção de um esclarecimento, palavras consoladoras que lhes dêem forças para resistirem às agruras de suas jornadas.

Diz-nos Emmanuel, no prefácio do livro *O Consolador*: "Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais".

"A ciência e a filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a religião é o ângulo Divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, **estabelecendo a renovação definitiva do homem**, para a grandeza de seu imenso futuro espiritual". (O grifo é nosso).

Em seguida, vamos tecer alguns comentários sobre ciência, filosofia e religião, após os quais confirmaremos o Espiritismo como ciência, e a finalidade da Ciência Espírita no alicerçamento da fé religiosa, harmonizando os três aspectos doutrinários. Assim, concluiremos que o Espiritismo é uma religião moderna onde a fé insólita e imposta dá lugar à fé racional, ocasião em que deduziremos o caráter filosófico da Doutrina Consoladora.

A imagem de Emmanuel é muito clara e nos chama à vivência evangélica, a valorizarmos os nossos minutos na difícil luta contra as nossas imperfeições, estribados sempre na ciência para não enveredarmos nos perigosos caminhos do fanatismo ou do sectarismo. Somente assim podemos entender que estaremos aptos a prestar um serviço ao próximo, neste século de declives, cuja qualidade será condizente com o título que ostentamos: ESPÍRITAS.

Sugerimos aos prezados amigos a leitura das lições nºs 26 (Pesquisas) e 3 (Diálogo e Estudo) do livro *Estante da Vida*, de autoria do Irmão X, Ed. FEB.

2. A AFIRMATIVA DE KARDEC

Em face, não só do exposto, mas também do próprio conteúdo da Codificação, como negar o caráter religioso do Espiritismo? A Codificação mostra claramente a finalidade religiosa da doutrina e o amigo leitor que o julgue por si mesmo.

Acontece, porém, que, em ***O Que é o Espiritismo*** Kardec afirma que Espiritismo não é religião, atitude contraditória em relação ao conteúdo de sua própria codificação.

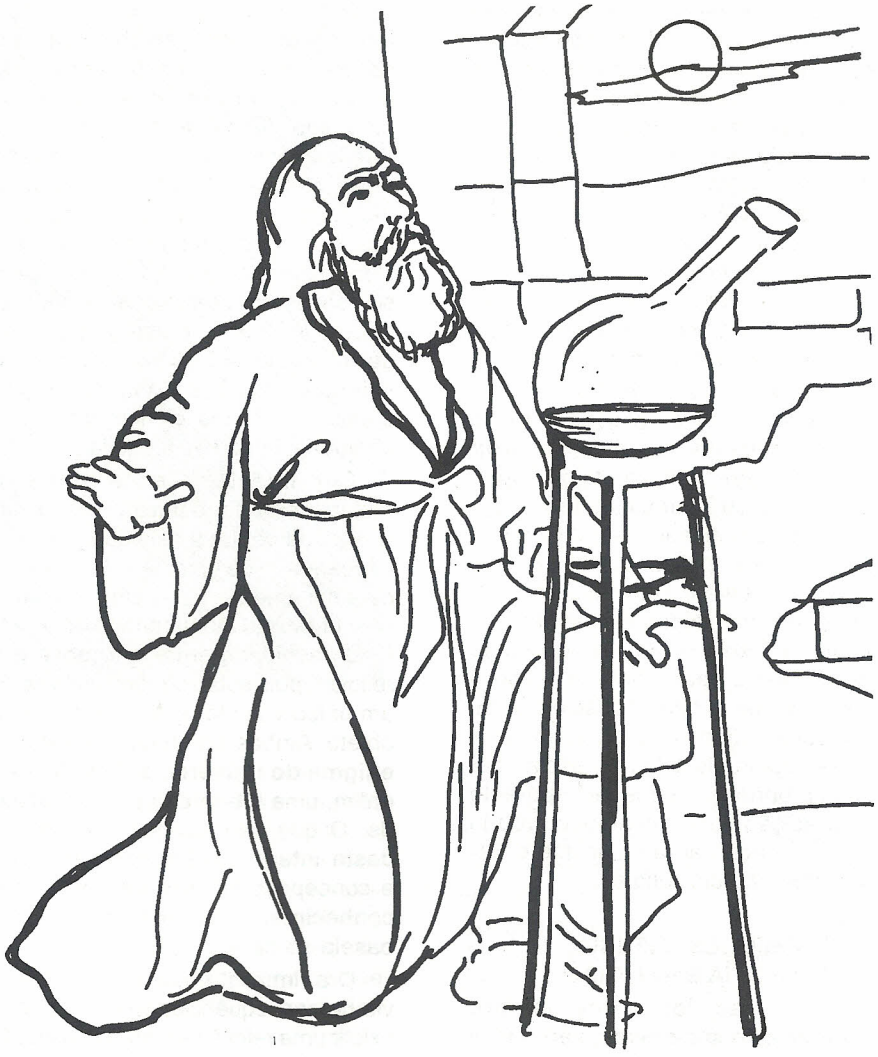
É preciso, como sempre, não tomar a palavra que mata, pelo espírito que vivifica.

Nessa afirmativa vemos, mais uma vez, a maestria do Prof. Rivail, a sua extrema e calculada habilidade diante da monumental obra que deveria

realizar. Vejam, amigos, numa época em que o mundo se encontrava saturado de "religiões" e freneticamente buscava a esmo uma resposta para os seus anseios mais íntimos, jamais se contentando com o dogmatismo e até repelindo as puerilidades que lhe caracterizavam as bases, se Kardec apresentasse à humanidade sedenta de luz mais uma "religião" certamente correria o grande risco de ser repudiado "in limine".

Sim, companheiros, a grandeza de Allan Kardec se exalta. Habilmente a principio negou o Espiritismo como "religião" querendo de forma indireta dizer que a Doutrina Consoladora não possui dogmas abstrusos que a razão repele; que, na elucidação da mente humana e na purificação dos sentimentos, induz-nos ao culto interno e não ao externo; que não possui e jamais terá hierarquia sacerdotal, não decretará jamais a infalibilidade de homem algum e nem redimirá a alma pela venda de preces ou de indulgências; se isso era exatamente o que todos compreendiam na época por religião, jamais o Espiritismo poderia assim ser qualificado.

Por outro lado, talvez quisesse o Codificador se referir à sublimação religiosa para a qual fatalmente caminhamos: no início, nos albores da humanidade, participavam do culto religioso imagens grotescas de muitos deuses, em que chegamos, dentro desse primitivismo remoto, a sacrificar inocentes crianças e adultos; em seguida, com o passar dos séculos, as imagens foram se reduzindo e os sacrifícios eram já de animais e não de seres humanos; de muitos deuses passamos a um só, as imagens desapareceram de muitos cultos e o **sacrifício passou a ser na intimidade do próprio crente, no sentido de sua própria purificação, na eliminação da animalidade e no verdadeiro desenvolvimento espiritual pela reforma íntima**. Percebemos assim que fatalmente abeiramo-nos daquele culto de que falou Jesus à Samaritana: o culto íntimo, que o Mestre definiu claramente dizendo: "dia virá em que não adorareis a Deus nem nesse monte, nem em Jerusalém, mas sim em Espírito e Verdade". Convenhamos que nenhuma doutrina nos leva mais positivamente para essa religião do



Espírito ligado a Deus, que o Espiritismo.

Muito oportuno seria lembrarmos o discurso proferido por Allan Kardec quatro meses antes do seu desencarne, o que tornará mais clara a nossa exposição; vejamos alguns trechos:

"O laço estabelecido por uma religião, seja qual for seu objetivo, é, portanto, um elo essencialmente moral que religa os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações e não é somente o fato de compromissos materiais que se rompem à vontade, ou do cumprimento de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao Espírito. O efeito desse elo moral é estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunidade de opiniões e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas.

É nesse sentido que se diz também: a religião da amizade, a religião da família. Se assim é, dirão, o Espiritismo então é uma religião? Perfeitamente! **Sem dúvida; no sentido filosófico o Espiritismo é uma religião, e nós nos ufanamos disso, porque ele é a doutrina que fundamenta os laços de fraternidade e de comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre as mais sólidas bases: as leis da própria Natureza. Por que então declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Por isso que só temos uma palavra para exprimir duas ideias diferentes e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; revela exclusivamente uma ideia de forma e o Espiritismo não é isso.** (o grifo é nosso). Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público só veria nele uma edificação, uma variante, se assim nos quisermos expressar, dos princípios absolutos em matéria de fé, uma casta sacerdotal com seu

cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; o público não o separaria das ideias de misticismo e dos abusos contra os quais sua opinião tem se levantado tantas vezes. Não possuindo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, o Espiritismo não poderia, nem deveria ornar-se com um título sobre o valor do qual inevitavelmente se estabeleceria a incompreensão; eis por que ele nos diz simplesmente: doutrina filosófica e moral."

Por fim, depois de enumerar a longa série de convicções que o espírita deve possuir, e de sintetizar a conduta moral do adepto do Espiritismo em face à humanidade, conclui o insigne Codificador: "eis o Credo, a religião do Espiritismo, religião que pode conciliar-se com todos os cultos, isto é, com todas as maneiras de adorar a Deus". Foi salutar o discurso de Kardec e certamente impelido a ele pela sua própria consciência ou por sugestão intuitiva de seus mentores espirituais a fim de esclarecer suas próprias palavras, em aparente contradição com o conteúdo próprio da codificação ao afirmar que o Espiritismo não era religião.

3. DEFINIÇÕES: CIÊNCIA, FILOSOFIA E RELIGIÃO

Sendo as definições sempre imprecisas e imperfeitas, não é fácil delimitar com precisão, o campo da ciência e da religião, variando mesmo de acordo com a evolução ou o ponto de vista de quem aborda o assunto.

A ciência poderia ser definida como um **conjunto de verdades logicamente encadeadas entre si, de maneira a formar um sistema coerente** ou, segundo um linguajar mais simples, **o conhecimento certo dos fatos por suas causas e por suas leis**.

"O espanto, dizia Aristóteles, é o começo da ciência", o que é fácil entender uma vez que a mesma nasceu da curiosidade natural do homem, ou seja, da necessidade de compreender e explicar as coisas.

Complementando as definições acima, seria lícito afirmar que o campo científico compreende a investigação das **causas segundas** ou **próximas** enquanto que a pesquisa das causas primeiras (razões fundamentais de toda realidade) seria apanágio da filosofia.

Prosseguindo, vejamos uma interessante citação do Prof. Johannes Hessen, da universidade de Colônia, em seu célebre volume intitulado *Teoria do Conhecimento*: "efetivamente, existe uma afinidade entre filosofia e ciência, à medida que ambas acentam na mesma base do Espírito humano, no pensamento. Porém, ambas se distinguem pelo seu objeto. Enquanto que as ciências especiais têm por objeto parcelas da realidade, a filosofia dirige-se ao seu conjunto. Dessa forma, se concebêssemos uma ciência universal, chamá-la-íamos de filosofia".

Certamente, a essa altura, o amigo Aprendiz estará ansioso por saber onde entra a religião nesse encadeamento de opiniões. Analisemos cautelosamente o assunto e vamos descobrir que igualmente existe profunda afinidade entre a filosofia e a religião, pois estão ligadas através de um único vínculo, que reside no seu objeto. Ambas pretendem resolver o **enigma do universo e da vida**, dar, enfim, uma interpretação da realidade. O que as distingue é a origem desta interpretação: enquanto que a concepção filosófica é oriunda do conhecimento racional, a religiosa baseia-se na fé.

Ora, irmãos, então podemos, por via de consequência, concluir que se existir uma religião alicerçada numa **fé racional**, aquela que "pode encarar a verdade face a face, em todas as épocas da humanidade", esta será também uma filosofia.

Pois bem, vamos guardando esses conceitos, pois mais tarde iremos empregá-los.

Para definir religião, vamos focalizar o conceito emitido pelo estudioso Charles F. Potter, de cuja autoria temos o conhecido compêndio *História das Religiões*, onde vamos encontrar uma definição compreensiva resultante das suas pesquisas: "Religião é o esforço da personalidade humana, dividida e incompleta no sentido de atingir unidade e inteireza, buscando o auxílio de pessoa idealmente completa e divina". Realmente somos criaturas detentoras dos atributos divinos, que se encontram no âmago do nosso ser, em estado latente e ansiamos por desenvolver essas virtudes buscando a nossa completabilidade e inteireza junto ao Criador. Em poucas palavras, amigos, estamos repetindo o conhecido conceito de Santo Agostinho: "Religat nos religio omnipotenti Deo" (A religião nos une ao Deus onipotente).

Assim sendo, tudo o que contribui para que haja essa união entre a criatura e o Criador será uma religião, desde que esteja fundamentada num conjunto de princípios básicos (doutrina). O que é confirmado pelo ensinamento de Emmanuel (*Roteiro*). "Não nos reportemos a religiões mas à religião, propriamente considerada como sistema de crescimento da alma para a celeste comunhão com o Espírito Divino."

4. CIÊNCIA

A ciência tem a sua origem nos fatos dos quais, como já vimos, se originam as indagações. Uma vez os fatos constatados são os mesmos levados à observação metódica, de onde surgem as hipóteses que, uma vez comprovadas, passam a ser denominadas Leis.

Toda ciência possui três características fundamentais:

a) **objeto próprio de estudo**: por exemplo, a botânica estuda a vida vegetal; a fisiologia, o funcionamento normal dos órgãos; a embriologia, o desenvolvimento do seres vivos etc.;

b) **métodos próprios de pesquisa**: na botânica encontramos inúmeros métodos entre os quais o das "gerações alternadas" de Van Tieghem (1870);

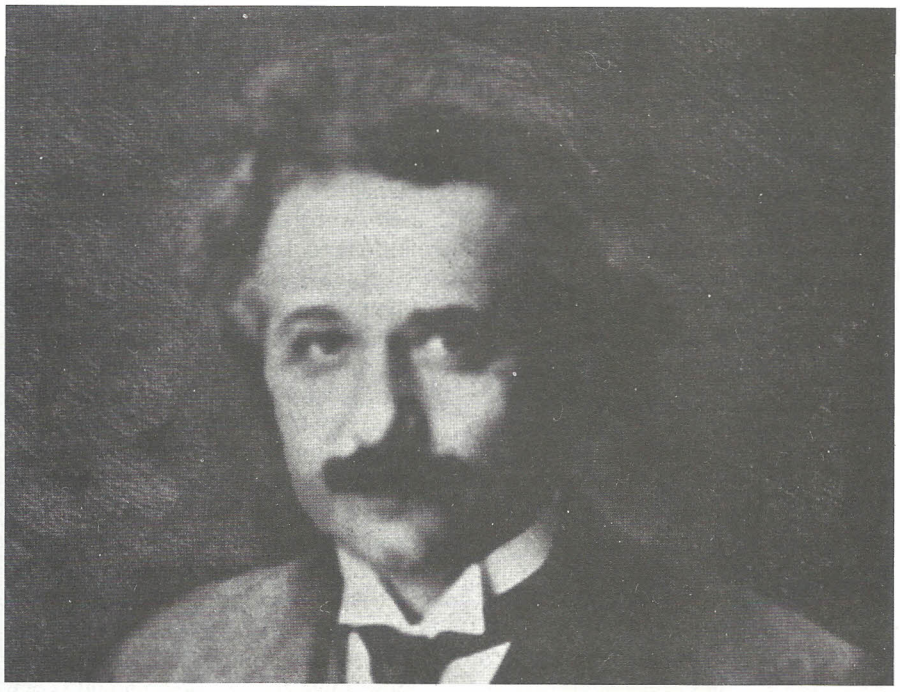
c) **leis próprias**: voltando ao exemplo da botânica, vamos encontrar as célebres leis de Gregório Mendel (1866).

Concluindo, dispomos agora de um método prático para constatarmos o caráter científico de qualquer matéria que nos for apresentada para análise. Basta que satisfaça os três requisitos acima enunciados.

5. RELIGIÃO

Recapitulando, o conceito de religião preceitua uma ligação da criatura ao Criador, ligação esta que deve ser profundamente consciente, traduzida no esforço de ascensão manifesto em seus adeptos.

Tudo, pois, que concorrer para elevar a criatura ao Criador cabe dentro do campo da religião, inclu-



Albert Einstein

sive, por mais paradoxal que seja, o setor compreendido pela ciência. Esclarecemos: qual o astrônomo que ao observar um movimento sincrônico dos gigantescos planetas que singram suavemente o espaço sideral, não se renda diante da grandeza do Supremo Maestro desta sinfonia interestelar? Qual o embriologista que, por mais ousado, não se sinta profundamente tocado pelo processo expressivamente belo do nascimento de um ser, e não reconheça a sua inferioridade diante dessa obra magistral? Qual o artista que após atentamente examinar as gradações e nuances cromáticas da pétala de uma rosa, recuse-se a reverenciar o Incriado?

Concluímos, assim, que a ciência também é uma religião desde que exista humildade no coração do pesquisador que não relute em admitir a existência de um ser cuja capacidade e sabedoria sobrepujam imen-suravelmente as suas mesquinhas condições.

Para aclarar o que acabamos de estudar, nada menos valioso do que o depoimento do grande cientista que revolucionou a física clássica, extraído do livro *O universo e o Dr. Einstein*, de Lincoln Barnett. Diz-nos o **pai da relatividade**: "A mais bela e profunda emoção que se pode experimentar é a sensação do místico. Este é o semeador da verdadeira ciência. Aquele a quem seja estranha tal sensação, aquele que não mais possa devanear e ser empolgado pelo encantamento, não passa em verdade de um morto. Saber que realmente existe aquilo que é impenetrável a nós e que se manifesta como a mais alta das sabedorias e a mais radiante das belezas, que as nossas embotadas faculdades só podem entender em suas mais primitivas formas — esse conhecimento, esse sentimento está no centro da verdadeira religiosidade". Noutra oportunidade ele declarou: "A experiência cósmica religiosa é a mais forte e a mais nobre fonte da pesquisa científica" e mais adiante: "Minha religião, diz Einstein, consiste em humilde admiração do espírito superior e ilimitado que se revela nos menores detalhes que podemos perceber com nossos Espíritos frágeis e incertos. Essa convicção profundamente emocional na presença de um poder raciocinante superior, que se revela no incompreensível universo, é a ideia que faço de Deus".

6. SENTIMENTO E RAZÃO

A fim de prosseguirmos com nosso estudo vamos nos ater às definições básicas que, em última análise, associam à ciência a razão e à religião o sentimento.

Para uma marcha equilibrada do Espírito em evolução, faz-se necessário o funcionamento sinérgico desses dois fatores, caso contrário, as consequências são facilmente enumeráveis:

a) a religião sem a ciência descamba fatalmente para o dogmatismo absurdo, francamente repelido pelo homem do século XXI;

b) a ciência sem religião resulta nas catastróficas ocorrências belicosas observáveis nos dias de hoje.

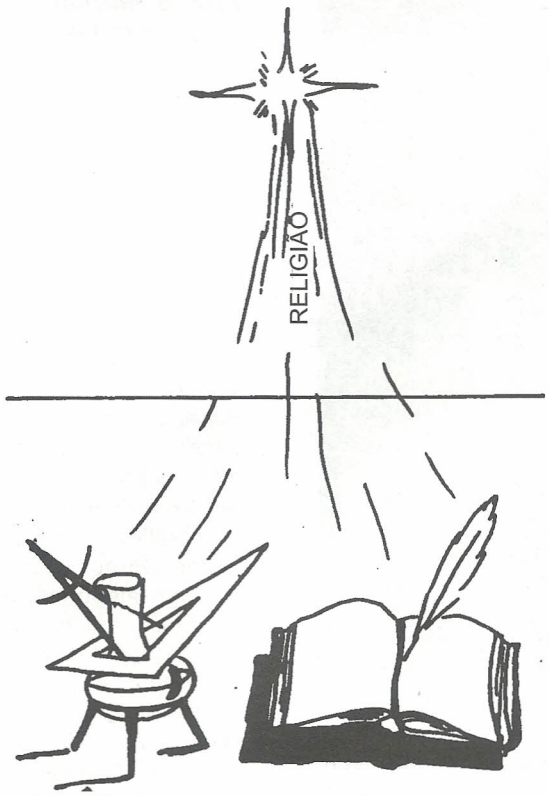
Por esse motivo é que, após séculos de **razão**, vêm os Espíritos Superiores nos orientar: "É chegada a hora do coração dizer basta ao cérebro, e provar que somente o amor redime para a eternidade".

A religião, como dizem alguns historiadores, usando de uma linguagem alegórica, tem caminhado de cima para baixo. No início, as indagações eram dirigidas ao desconhecido, aos poderes superiores contra os quais ele, o homem, se sentia impotente e vulnerável. Quanto à ciência, tem evoluído de baixo para cima. A princípio a curiosidade de um Cro-Magnon era dirigida tão somente no sentido de atender às suas necessidades imediatas, obrigando-o a desenvolver a agricultura, o estudo do solo etc. Com o passar dos séculos, a religião desce atendendo aos apelos angustiantes da humanidade e começa a se interpenetrar no cotidiano, ao mesmo tempo em que a ciência, impelida pelas insatisfações do ser, avança celeremente no campo do Espírito e suas manifestações. Caberá ao Espiritismo promover a fusão inevitável **dessas irmãs que devem forçosamente caminhar sempre unidas.**

7. O ESPIRITISMO É UMA CIÊNCIA?

Pelo que vimos até o momento, podemos dizer, sem receio de errar que o espiritismo é uma ciência. Vejamos:

A Doutrina dos Espíritos teve a sua origem nos fatos (ver o livro *Entendendo o Espiritismo*) que foram criteriosamente estudados e metodicamente analisados por Kardec, que os classificou e engendrou as hipóteses. Após a constatação da validade das hipóteses, descortinou-se um amplo horizonte onde foram descobertas as leis sabias que regem o destino dos seres.



Prosseguindo, convidamos o amigo que nos lê a voltar ao item 4 do presente capítulo e aplicar o "**método prático**" ali sugerido.

Porventura possui o Espiritismo um **objeto próprio de estudo**? É claro que sim, todos responderão, **o Espírito**. Muito bem, e será que dispõe a Doutrina de um **método próprio de pesquisa**? Sim, a **mediunidade**! Através da mediunidade demonstra a existência e a sobrevivência do Espírito e a sua evolução. Lança mão da análise comparada dos fatos e da convergência das provas.

E quanto às **Leis próprias**? Ora, inúmeras leis foram descobertas através da observação dos fatos naturais com a utilização do método próprio de que o Espiritismo dispõe. Para citarmos um exemplo poderíamos nos referir à Lei da Justiça, Lei do Trabalho etc., assuntos que serão enfocados mais adiante.

Analisando cuidadosamente o Espiritismo, veremos que, de forma bastante objetiva e ao mesmo tempo profunda, ele aborda todos os setores do conhecimento. Assim poderíamos seguramente classificá-lo como uma **ciência universal** que segundo o abalizado parecer do Prof. Hessen, conforme já vimos, seria sinônimo de **filosofia.**

8. O ESPIRITISMO É UMA RELIGIÃO?

Para provarmos que o Espiritismo é uma religião vamos propor um esquema bastante didático a fim de facilitar a assimilação por parte do Aprendiz. O esquema é o seguinte:

1º) análise do Espiritismo como Doutrina dos Espíritos;

2º) análise das obras básicas da Codificação;

3º) análise do Espiritismo como continuação do Cristianismo.

No **primeiro caso**, isto é, considerando o Espiritismo em si mesmo, concluímos que ele vem trazer ao mundo a certeza científica da existência e da sobrevivência do Espírito elucidando pelas novas revelações o campo obscuro da religião, confirmando certas afirmativas religiosas e destruindo outras. As consequências morais que decorrem do espiritismo científico, resumidas na **fé racional**, são exatamente a mais pura essência dos princípios morais verdadeiros da religião.

No **segundo item do esquema**, que se baseia na análise das obras básicas, nota-se nitidamente a sua essência de feição moral ou religiosa. Os metapsiquistas materialistas como Richet e Sudre, não consideraram cientifico o Espiritismo, reconhecendo, porém, a grandiosidade moral de sua filosofia.

Realmente, visto pelos livros básicos da Codificação, ele é muito mais uma filosofia de natureza moral que uma ciência. Com exceção de alguns capítulos da Gênese e do Livro dos Médiuns, que são de caráter realmente científico, tudo o mais na Codificação, é essencialmente de caráter religioso, e aí reside a grandeza incontestável da Doutrina, e o alcance profundo da visão de Kardec.

Vista em seu conjunto, ninguém poderá negar que a Codificação afina muito mais com a religião do que com os rígidos e frios característicos da ciência.

Senão vejamos: Estudando a filosofia do Espírito, afirmando a existência e a evolução do Espírito, mas não a demonstrando prévia e cientificamente, *O Livro dos Espíritos* — Livro de Revelação — começa com o capítulo referente a Deus e termina com o capítulo das penas e gozos futuros, ambos temas de essência religiosa e não-científica, temas que só com o advento do Espiritismo passarão a ser encarados face a face pela ciência do futuro, enquanto que sempre o foram pelas religiões todas do passado e do presente.

O Livro dos Médiuns é livro técnico e elucidativo sobre o fenômeno mediúnico, que é a fonte da revelação religiosa, o que não devemos esquecer, pois é também a fonte reveladora dos conhecimentos novos trazidos e divulgados pelo Espiritismo. Nesse livro técnico, Kardec afirma que há três categorias de espíritas:

1º) Espíritas experimentadores;

2º) Espíritas imperfeitos;

3º) Verdadeiros espíritas ou espíritas cristãos.

Isso é significativo, pois o Cristianismo foi tido até hoje como religião, sendo que o espírita verdadeiro, para Kardec, é o espírita cristão e, portanto, o verdadeiro Espiritismo é o cristão e, pois, o religioso.

Os outros dois livros que se seguem são *O Evangelho segundo o*

Espiritismo e o *Céu e Inferno*, livros que, pelos próprios títulos, se localizam no setor puramente religioso, visto como a ciência nunca cuidou de tais assuntos, ao passo que eles constituem temas básicos de todas as religiões.

Por fim, na *Gênese*, que é, de todos os livros da codificação kardeciana, o de caráter mais científico, vemos a preocupação de elucidação evangélica dominando Kardec. O livro se divide em três partes: enquanto que a 1ª se refere a Deus e à gênese, a 2ª e a 3ª se referem, respectivamente, aos milagres dos Evangelhos e as predições também evangélicas; ora, Evangelho até hoje foi religião e não ciência.

Finalmente, vejamos o Espiritismo como **continuação do Cristianismo**, e para tal reportemo-nos ao evangelista João (14:15-17,26): "Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro consolador para que fique eternamente convosco, o Espírito da Verdade, a quem o mundo não pode receber porque não o vê, nem o conhece. Mas vós o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará em vós. — Mas o Consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito."

Realmente, o Espiritismo encerra todas as condições preconizadas para a caracterização do Espírito Consolador, que, em tempo oportuno, isto é, quando a humanidade já pudesse comportar o complemento de seus próprios ensinamentos, Ele nos enviaria.

Paralelamente ao Consolador prometido encontramos inúmeras analogias entre o Cristianismo de há dois mil anos e o Espiritismo de hoje: Jesus determinou aos seus discípulos "**Ide e pregai a boa nova, ressuscitai os mortos, curai os enfermos, expeli os demônios e dai de graça o que de graça recebeis**". Quem, no mundo de hoje, senão os espíritas, realiza todas essas determinações? Apenas devemos lembrar que os espíritas, acordando para a grande realidade da vida as almas humanas encarnadas e desencarnadas, operam nelas verdadeira ressurreição espiritual, pois essa é a que interessa, mesmo porque as ressurreições do Evangelho não foram senão curas de pessoas atingidas pela morte aparente.

O afastamento de Espíritos e as curas são partes integrantes do Cristianismo, o mesmo que se realiza hoje nas organizações espíritas bem orientadas, tudo sem a mínima remuneração, a título ou pretexto algum.

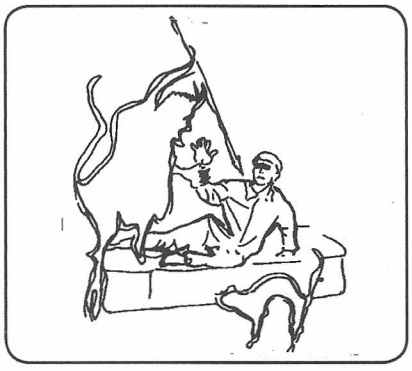
Hora, sendo o Espiritismo continuação do Cristianismo e sendo este religião, por que não há de ser aquele da mesma forma qualificado?

9. CONCLUSÃO

Reforçamos a matéria exposta neste capítulo com as palavras de Emmanuel (*A Caminho da Luz*) que são bastante elucidativas: "A tarefa de Allan Kardec era difícil e complexa. Competia-lhe reorganizar o edifício desmoronado da crença, reconduzindo a civilização às suas profundas bases religiosas".

Pensamos assim, prezado leitor, que as dúvidas foram todas dirimidas e, portanto, poderemos afirmar com André Luiz (*Missionários da Luz*) que "o Espiritismo é a revivescência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo" ou ainda com Léon Denis: "**religião** com bases **científicas** e consequências **filosóficas**".

31.
O PENSAMENTO E A VONTADE COMO FORÇAS



1. INTRODUÇÃO

Em sequência ao nosso estudo, agora que já sabemos ser o Espiritismo uma **religião fundamentada na ciência**, propomo-nos a um estudo bastante breve do setor científico, com o objetivo de aclararmos a nossa compreensão de certos fatos e fenômenos muitas vezes denominados sobrenaturais ou "milagrosos".

Para estudarmos o **pensamento e a vontade como forças**, nada mais propício do que inicialmente definirmos o que vem a ser a força.

Entendemos por força tudo aquilo que seja capaz de provocar deformações num sistema material ou causar alterações no seu movimento (tirá-lo do repouso, acelerá-lo, desacelerá-lo etc.). Mas será, indagará o prezado leitor, que um fenômeno psicológico pode transformar-se em mecânico? Pode o pensamento concretizar-se em materialização plástica? Poderá ser fotografado? São os assuntos que abordaremos a seguir. Contudo, adiantamos que para a boa compreensão do assunto o Aprendiz deverá ler o livro de Ernesto Bozzano intitulado *Pensamento e Vontade*.

2. PENSAMENTO E VONTADE

O Pensamento e a Vontade são forças do Espírito que agem sobre o meio ambiente dando forma e

propriedade à matéria e interagem com outros Espíritos encarnados ou desencarnados.

O pensamento não é força de aspecto ou natureza apenas subjetiva; é realidade objetiva pois, partindo do Espírito, provoca alterações vibratórias na matéria, dando-lhe forma, movimento, cor e, provavelmente, som.

Em geral o pensamento vem acompanhado de um determinado sentimento; a qualidade do pensamento lhe determina a cor, por exemplo: o pensamento de devoção tem cor azulada, o de cólera é avermelhado; a natureza do mesmo lhe determina a forma, vejamos: um pensamento de avareza tem forma de garras, o de cólera, forma de relâmpago.

Essa objetividade do pensamento pode ser estudada pela observação direta dos videntes e por fatos naturais constatados cientificamente e que vão desde a sugestão hipnótica até a fotografia do pensamento, em formas humanas completas. O microbiologista Felix Archimedes Pouchet, do século XIX, via espontaneamente surgirem diante dele as imagens de suas culturas microscópicas e com tal nitidez que podia projetá-las sobre um papel e lhes traçar os contornos a lápis.

Os romancistas Dickens e Balzac por vezes ficavam obsediados pela visão das personagens por eles idealizadas, vendo-as diante de si como se fossem personalidades reais.

Um pintor que herdara grande parte da clientela do célebre artista inglês Joshua Reynolds, conta-nos Brierre de Boismont em seu livro *As Alucinações*, considerado retratista superior ao próprio Reynolds, declarou ter tantas encomendas que chegou a pintar trezentos retratos, entre grandes e pequenos no curso de um ano. Tal rendimento de trabalho afigura-se-nos impossível; mas, o segredo da rapidez e do extraordinário êxito do artista consistia na circunstância de lhe não ser preciso **mais que uma "pose do modelo original".**

As imagens criadas pelo pensamento podem permanecer no local onde foram engendradas por muito tempo, conforme a intensidade das emoções sentidas no momento em que, inconscientemente foram criadas, dando a impressão de se tratar de Espíritos verdadeiros (casas mal-assombradas, às vezes) quando não passam de formas-pensamento.

A fim de esclarecermos o último parágrafo salientamos que as formas-pensamento, salvo raras exceções (como por exemplo o caso da Sra. Everitt narrado no livro *Pensamento e Vontade* de Bozzano), são estáticas, desprovidas de qualquer movimento, daí a possibilidade de uma distinção entre formas-pensamento e Espíritos.

3. IDEOPLASTIA

O célebre Gustavo Geley define a ideoplastia como sendo "moldagem da matéria viva feita pela ideia".

A ideia não é um atributo, um produto da matéria; ao contrário, ela é que modela a matéria e lhe confere a forma e seus atributos.

No mesmo sentido já afirmara Camille Flammarion que "a explicação puramente mecânica da natureza é insuficiente e existe no universo alguma outra coisa além da pretensa matéria; não é a matéria que rege o mundo, mas um elemento dinâmico e psíquico". Idêntica afirmativa fazia o insigne fisiologista Claude Bernard: "o que caracteriza a máquina viva não é a natureza de suas propriedades físico-químicas; é a criação dessa máquina junto a uma ideia definida".

Sobre a importância dessas conclusões, diz Bozzano: "essa nova definição científica do ser vivente decorre irrefutável e segura desse grande acontecimento: o de haver sido demonstrada pelos fatos. É a definição pela qual o **Pensamento e a Vontade são forças plásticas e organizadoras**. E tão grande é o valor teórico dessa demonstração que abre uma nova época científica por desmoronar totalmente, antes de tudo, as imponentes, mas fictícias, construções laboriosamente estabelecidas por numerosos grupos de investigadores pertencentes a todos os ramos científicos decalcados no postulado da Onipotência da matéria, quando na verdade deverá o tempo alicerçar-se no postulado diametralmente contrário da Onipotência do espírito".

Vejamos como André Luiz se refere ao assunto (*Mecanismos da Mediunidade*): "Pelos princípios mentais que influenciam em todas as direções encontramos a **telementação** e a **reflexão** comandando todos os fenômenos de associação, desde o acasalamento dos insetos até a comunhão dos Espíritos Superiores, cujo sistema de aglutinação nos é por agora, defeso ao conhecimento".

"Emitindo uma ideia, passamos a refletir as que se lhe assemelham, ideia essa que para logo se corporifica, com intensidade correspondente à nossa insistência em sustentá-la, mantendo-nos, assim, espontaneamente em comunicação com todos os que nos esposem o modo de sentir".

FORMA PENSAMENTO DE ACESSO DE CÓLERA

a crítica destrutiva, o deboche e a crueldade, incorporamos de imediato a influência das criaturas encarnadas e desencarnadas que os alimentam, **porque o ato de voltar a semelhantes temas**, contrários aos princípios que ajudam a vida e a regeneram, se transforma em reflexo condicionado de caráter doentio, automatizando-nos a capacidade de transmitir tais agentes mórbidos, responsáveis por largo acervo de enfermidade e desequilíbrio."

E mais adiante a lição prossegue soando para todos nós como um grito de alerta:

"Suponhamos, porém, que o leitor se decida pelos fatos policiais.

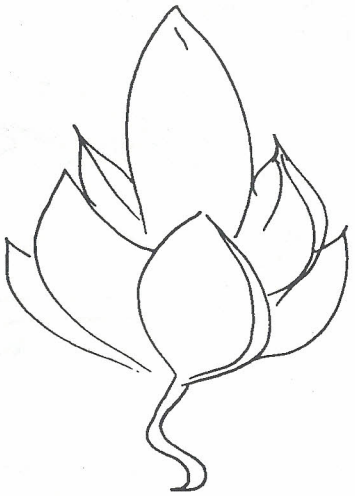
Avidamente procurará os sucessos mais lamentáveis e, finda a voluptuosa seleção dos crimes ou desastres apresentados, escolherá o mais impressionante aos próprios olhos, para nele concentrar a atenção.

Feito isso, começará exteriorizando na onda mental característica os quadros terrificantes que lhe nascem do cérebro, plasmando a sua própria versão, ao redor dos fatos ocorridos.

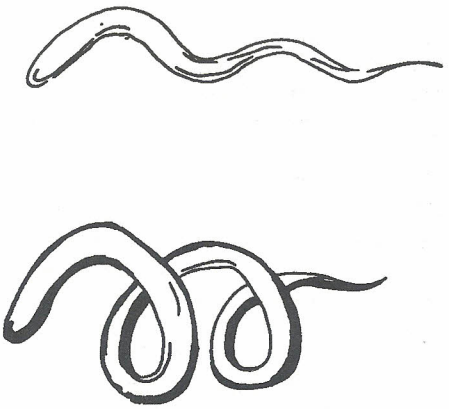
Nesse estado de ânimo, atrairá companhias simpáticas que, em lhe escutando as conjecturas, passarão a cunhar pensamentos da mesma natureza, associando-se-lhe à maneira íntima de ver, não obstante cada um se mostre em campo pessoal de interpretação.

Daí a instantes se as formas-pensamento fossem visíveis ao olhar humano, os comentaristas contemplariam no próprio agrupamento o fluxo tóxico de imagens deploráveis, em torno da tragédia, a lhes nascerem da mente no regime das reações em cadeia, espraiando-se no rumo de outras mentes interessadas no acontecimento infeliz.

E, por vezes, semelhantes conjugações de ondas desequilibradas culminam em grandes crimes públicos, nos quais Espíritos encarnados em desvario, pelas ideias doentes que permutam entre si, se antecipam às manifestações da justiça humana, efetuando atos de extrema ferocidade, em canibalismo franco, atacados de loucura coletiva, para, mais tarde, responderem às silenciosas arguições da Lei Divina, cada qual na medida da colaboração própria no que se refere à extensão do mal."



FORMA PENSAMENTO DE AUTORENÚNCIA



FORMAS PENSAMENTO DA INTENÇÃO DE SABER

7. A AURA

Para completarmos a nossa lição falaremos um pouco sobre a aura iniciando pelos comentários constantes no livro *Métodos Espíritas de Cura,* de autoria do Com. Edgard Armond.

Além da superfície do corpo físico, pode ser vista uma espécie de névoa leitosa, emanação deste e que se denomina **duplo etéreo**; mas, sobrepondo-se a este existe outro elemento, ligado diretamente ao **perispírito** e que se chama **aura**, ambos com a mesma forma ovalada do corpo físico.

A superfície exterior da **aura** funciona como se fosse uma película envolvente do conjunto (corpo físico, perispírito) conhecida em alguns autores, como **película áurica**.

Os pensamentos vêm do **Espírito** através da **mente** para o cérebro físico, enquanto os sentimentos, as emoções, tudo quanto for do campo moral, vem do **perispírito** diretamente para a **aura** projetando-se sobre essa película envolvente, na forma de imagens, como na Tv em cores.

Sobre o mesmo assunto fala-nos André Luiz o seguinte (*Mecanismo da Mediunidade*):

Articulando, ao redor de si mesma, as radiações das sinergias funcionais das agregações celulares do campo físico ou do psicossomático, a alma encarnada ou desencarnada está envolvida na própria aura ou túnica de forças eletromagnéticas, em cuja tessitura circulam as irradiações que lhes são peculiares.

Evidenciam-se essas irradiações de maneira condensada, até um ponto determinado de saturação, contendo as essências e imagens que lhe configuram os desejos no mundo íntimo, em processo espontâneo de auto-exteriorização, ponto esse do qual a sua onda mental se alonga adiante, atuando sobre todos os que com ela se afinem e recolhendo naturalmente a atuação de todos os que se lhe revelem simpáticos.

E, desse modo estende a própria influência que, à feição do campo proposto por Einstein, diminui com a distância do fulcro consciencial emissor tornando-se cada vez menor, mas a espraiar-se no Universo infinito.

Um tipo de aura humana